

DOI: [10.20396/rfe.v14i2.8663709](https://doi.org/10.20396/rfe.v14i2.8663709)

Ideias do século das luzes: a educação rousseuniana como projeto iluminista

Denylson Douglas de Lima Cardoso¹ Nelson Pereira de Sá² 

Resumo

O artigo elenca os elementos que demarcaram o iluminismo e reflete sobre as suas contribuições para a educação. Como instrumento da coleta de dados priorizou-se o uso de textos em três momentos, a saber: primeiro - dos tipos “resposta à pergunta o que é o Esclarecimento?; segundo - análises sobre o pensamento rousseuniano a partir dos textos “Emílio ou da educação” e “Projeto de Educação” suscitando o debate sobre a educação humanista fundamentada na vivência do Contrato Social e nos fundamentos de uma educação para a sensibilidade; terceiro - discutir o legado das ideias iluministas no processo educacional na realidade brasileira.

Palavras-Chave: Educação. Iluminismo. Rousseau.

Abstract

The article lists the elements that defined the Enlightenment and reflects its contributions to education. As a data collection instrument, the use of texts was prioritized in three moments, namely: first - of the types “answer to the question what is Clarification?; second - analyzes of Rousseau's thought from the texts “Emile or Education” and “Education Project” raising the debate on humanist education based on the experience of the Social Contract and on the foundations of an education for sensitivity; third - discusses the legacy of Enlightenment ideas in the educational process in the Brazilian reality.

Keywords: Education. Enlightenment. Rousseau.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: denylsondouglas@gmail.com

² Doutorando em Educação pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: nelsonpsa@yahoo.com.br

Introdução

Reconhecidamente, a escola brasileira se caracteriza numa instituição com objetivos sociais que não podem ser separados do domínio do Estado. Isto se centra nos princípios constitucionais e nas influências da sociedade, da economia e das políticas públicas, que norteiam o desenvolvimento escolar.

Nesta lógica, infere-se não haver uma educação isolada, por estar inserida nas forças dos poderes políticos que emergem em cada época da história da educação. Neste sentido, nenhuma pessoa deve se manter isolada da política, por ser a causa – do surgimento dos fatos sociais. Desta feita, os posicionamentos políticos passam a ser calcados nas visões filosóficas que surgiram no decorrer da história da humanidade influenciando o pensamento e o desenvolvimento humano, o comportamento da sociedade, as alterações da economia e posicionamentos nas políticas, com proximidade no âmbito da escola.

Tais abordagens, se situam nas contribuições do Iluminismo na educação e outras áreas afins, por agregar os conceitos de igualdade, tolerância religiosa e filosófica, propriedade privada, liberdade pessoal e social. Desse modo, inegavelmente a educação na visão iluminista, se projeta na vertente pública e gratuita para todas as pessoas, no domínio do Estado.

Ao se revisitar os legados iluministas na educação, se fez necessário entender conceitualmente a palavra Iluminismo, a qual significa “organização (movimento) centrada na intelectualidade”. (DICIO, 2020), “se baseia na utilização da ciência e da razão para indagar os preceitos filosóficos de maneira empírica e racional, recusando quaisquer dogmas, principalmente, os relacionados às doutrinas religiosas e/ou políticas”. Na ordem semântica, “Iluminismo” deriva de “luz” pela capacidade que tem a razão de “iluminar” naturalmente o homem.

Neste contexto, novas ideias pedagógicas foram exigidas quando a razão humana passou a ser vista como-iluminada e o homem foi reconhecido como aquele que age no mundo para produzir com inovação, assim buscar outros conhecimentos. Desse modo, as ideias religiosas deixaram de ser o

centro controlador de tudo e do conhecimento científico para oportunizar aos homens a possibilidade de adquirem proeminência no ensino, ao se sentirem livres e terem escolhas de vida.

O foco não é mais as ideias religiosas controlando tudo até o conhecimento científico, mas as ideias dos homens que adquirem proeminência. Dessa maneira, se deve ensinar que o homem é livre para aprender, ou seja: ele - não nasce Católico ou Judeu e ao nascer pode escolher o que quer para sua vida.

Tomando-se como base as ideias do século das luzes, com abrangência na educação rousseuniana como um projeto iluminista, propõem-se um estudo visando atender, inicialmente, tais indagações: Como definir o “século das luzes”? Quais seriam as contribuições deste período para a educação?

Na busca por respostas, escolheu-se trilhar por um caminho metodológico com base nas teorias fomentadas nas pesquisas de cunho fenomenológico e hermenêutico. O papel exercido pelo pesquisador fenomenológico é observar os fenômenos procurando detalhá-los e colher-se os dados sem estabelecer qualquer interferência à manifestação do que vem à tona. Objetiva chegar àquilo que se mostra em si mesmo, livre de elementos pessoais, chegando-se a um nível profundo dos fenômenos, onde as essências são manifestadas. Fenomenologia é, pois, o estudo das essências, a essência da percepção (TRIVINÕS, 1987).

No caso do uso do enfoque hermenêutico, serão norteadas as ideias dos pensadores e filósofos iluministas, assim como as contribuições para educação na atualidade. Marconi e Lakatos (2003) esclarecem que a hermenêutica,

[...] averigua o sentido exato que o autor quis exprimir. Facilita esse tipo de crítica o conhecimento do vocabulário e da linguagem do autor, das circunstâncias históricas, ambientais e de pensamento que influenciaram a obra, da formação, mentalidade, caráter, preconceitos e educação do autor. (p.49).

Assim, objetivou-se analisar o fenômeno do século das luzes para educação, e, de maneira específica, identificar as lacunas possíveis, traçando

juízos do modo mais razoável e científico possível e investigar as contribuições deste período.

Se justifica essa pesquisa no entendimento de que os fatos do período iluminista, quando bem interpretados, se notabilizam na atualidade como contribuições inovadoras para educação no mundo. Nesta perspectiva, André e Ludke (1986), afirmam:

[...] como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferência, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Claro está que o pesquisador, como membro de um determinado tempo e de uma específica sociedade, irá refletir em seu trabalho de pesquisa os valores, os princípios considerados importantes naquela sociedade, naquela época. Assim, a sua visão de mundo, os pontos de partida, os fundamentos para a compreensão e explicação desse mundo irão influenciar a maneira como ele propõe suas pesquisas ou, em outras palavras, os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear sua abordagem de pesquisa (p. 3).

Este estudo, se caracterizou como pesquisa bibliográfica na busca de literaturas de autores, pesquisadores destacados e que descrevem esse período histórico e suas implicações para a história da educação.

Corroborando, Gil (2002), expressa:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44)

Quanto aos fins, é uma pesquisa descritiva, pois descreve as influências do Iluminismo na educação. Segundo Gressler (2004), a pesquisa descritiva é usualmente utilizada para descrever os fenômenos existentes e aclará-los. Assim sendo,

[...] descreve, sistematicamente, fatos e características presentes em uma determinada população ou área de interesse. Seu interesse principal está voltado para o presente e consiste em

descobrir “O que é? ”. Geralmente são pesquisas que envolvem número elevado de elementos, dos quais poucas variáveis são estudadas. [...] não é uma mera tabulação de dados; requer um elemento interpretativo que se apresenta combinando, muitas vezes, comparação, contraste, mensuração, classificação, interpretação e avaliação. (GRESSLER p. 54).

Sob o ponto de vista da abordagem do problema na consolidação e análise dos dados coletados adotou-se a abordagem descritiva e interpretativa, na premissa de que tudo que se registra, escreve, argumenta, defini, compõem um repertório interpretativo. Prodanov e Freitas (2013) abordam que:

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (PRODANOV E FREITAS, 2013, p. 70).

Neste artigo, se apresenta a introdução seguida de uma análise das influências do Iluminismo no contexto educacional centrada num processo de dinâmica social, e também procura mostrar a importância dos modos pelos quais pensadores da época - João Amós Comenius; John Locke; Immanuel Kant e Jean-Jacques Rousseau - concebem o tema “escola” e como, integrando ideias, provocaram mudanças para a educação por todo o mundo.

O artigo se divide em três tópicos teóricos, assim apresentados: primeiro - um recorte da história iluminista; segundo - contribuições de Kant e a revolução copernicana como caracterização do projeto iluminista; terceiro - as contribuições de Rousseau para o projeto de educação iluminista a partir de “Emilio ou da Educação”. Finaliza-se com algumas conclusões dos autores.

1. Iluminismo: recortes históricos

O Século XVIII compreendeu um período marcado pela revolução industrial e científica com a inclusão de novas tecnologias e da própria ciência. Se destacou num tempo em que grandes pensadores e filósofos apresentavam propostas no sentido de mudar a forma de as pessoas

entenderem e verem o mundo. Alguns entendem que, neste período, o homem lutou para se libertar das “garras” da religião e da concepção de ciência defendida pela cúpula da Igreja Católica. Nessa fase, a ciência passou a ser testada em laboratório e os fenômenos científicos passaram a ser estudados em busca da certeza baseada em ideias concretas, alguns, acreditavam que o ser humano se libertava para ser livre, conhecer e aprender sobre o mundo e o planeta em que habitava.

Destaque-se, nesta época, o uso de novas tecnologias e as novas formas de produção e prática do comércio. Diante disto, a educação precisou responder a essa revolução de mudanças inovadoras indicadas por pensadores e filósofos da época, em fomento as formas em educar de fato os atores envolvidos.

A educação na perspectiva do período iluminista, se caracterizou como laica, para todos, livre do “jugo” da religião e desenvolvida numa visão prática e teórica ao mesmo tempo. Isto se configurou como inusitado na história da humanidade e suscitou urgências em se promover uma pedagogia realista, assim, responder com rapidez ao que ocorria na indústria, no comércio, na ciência, enfim, na sociedade. Por isso, as ideias para a educação, do pedagogo e teólogo de João Amós Comenius (1592 – 1670) foram consideradas essenciais, pois se encaixaram para ajudar a atender aos anseios do momento. Em consonância, Lopes (2008), situa:

João Amós Comenius foi o primeiro indivíduo a instituir a educação como uma ciência sistemática, sendo esta uma das razões pelas quais ficou conhecido como o “pai da pedagogia moderna”. Todavia, percebe-se que o acesso dos pesquisadores brasileiros às obras primárias de Comenius em português está restrito à Didática Magna, o que resulta em algumas dificuldades para realizar a hermenêutica do pensamento comeniano. A maioria dos pesquisadores de Comenius tem seu foco voltado para os métodos educacionais, e assim ele é considerado apenas como pedagogo, o que contraria o próprio Comenius, que afirmou não se considerar um pedagogo, mas um teólogo por profissão e vocação. (LOPES, 2008, p. 49/50).

Este autor preconiza que o desejo de Comenius era popularizar a educação para que todos tivessem acesso ao processo educacional, pois reiterou o “ensinar tudo a todos”, e a superação do conceito de educação como

privilégio da classe burguesa (BUFFA *apud* LOPES, 2008, p. 53). Considerando que as classes burguesas enriqueciam na época, entendia-se que os processos educativos teriam que ser aprofundados e ser direcionados para um grupo especial de pessoas, dentre estes, os doutores, pessoas preparadas para serem políticos e que tivessem cargos importantes.

Nas análises de Lopes (2008), as contribuições de Comenius são notáveis para a educação pelo advento do lançamento da proposta didática criado no propósito de ensinar as ideias políticas dentro do processo educacional. Este autor, pontua que Comenius tencionava desenvolver o livro-texto para a educação escolar, com vistas a sistematizar e organizar o processo educacional, facilitar a vida pedagógica do professor, apresentar um instrumento que norteasse os processos didático-pedagógicos e oportunizar ao professor ter alcance a muitos alunos nas salas de aula.

Em relação à Comenius e ao grau de importância e desenvolvimento da educação, Lopes (2008), opina:

No momento em que o estudioso se fixa na análise e se debruça sobre esse pensador, as dúvidas são revertidas em admiração e desejo de uma pesquisa mais profunda a respeito de suas ideias. Constata-se, então, que os princípios educacionais de Comenius foram avançados para sua época, e quão atuais são suas propostas pedagógicas para o século 21. Algumas das propostas educacionais de Comenius foram relevantes e avançadas para o século 17 e até hoje se encontram ecos de tais concepções refletidos nas discussões educacionais da modernidade. (LOPES, 2008, p. 53).

Ressalte-se nesta parte da história, que a sociedade começou se organizar de uma forma diferente da sociedade medieval, na qual existiam figuras como o senhor do feudo, o mandatário, a figura do rei como o grande senhor. Estes fatos retrataram que os pensadores rompiam com o absolutismo e com o poder que a igreja exercia na vida pública.

Dentre os pensadores da época, cita-se John Locke (1632 - 1704) filósofo inglês e um dos principais representantes do empirismo. Esse autor,

sintetizou a ideia base da linha teórica na educação mundial, ao apresentar em 1690, o texto intitulado: “Ensaio acerca do entendimento humano” em que desenvolveu o conceito da “tabula rasa” comparando o ser humano, ao nascer, como um papel em branco que, em contato com a experiência, escreveria a sua história.

Tais ideias de Locke, se destacaram na epistemologia empirista e, na política, trouxe grande contribuição ao desenvolvimento do liberalismo inglês, o que potencializou a noção de Estado de Direito e influenciou pedagogicamente a educação. Tais ideias de Estado de Direito, surgiram em 1689 quando esse autor, escreveu o livro: “Tratado sobre o governo civil” e abordou que todo ser humano possui três direitos naturais, são eles: (i) a vida (ninguém pode tirá-la); (ii) a liberdade (direito de ir e vir); e (iii) a propriedade (TERUYA, 2020).

Outra ideia emergente no período iluminista e relevante para a educação em todo o mundo, trata da defesa do Estado em providenciar um ensino público para todas as pessoas na sociedade, em consonância com os ideais dos pensadores da época. São inegáveis as contribuições do Iluminismo para a educação mundial pelo olhar novo sobre o homem, o comércio, a economia, a política, a sociedade.

Este período da história sedimentou a visão de um novo homem livre para aprender e sem amarras. Em razão disso, o filósofo Jean Jacques Rousseau deu seguimento a este pensamento e marcou a educação mundial até aos dias atuais ao desenvolver um projeto de educação partindo da premissa do homem livre em seu estado natural para conhecer o mundo e de como a sociedade o corrompe.

2. As contribuições do pensamento de Kant e a sua revolução copernicana como caracterização do projeto iluminista

Notadamente, a concepção de modernidade pressupõe uma ruptura processual das representações de mundo enraizadas na ortodoxia religiosa e na estrutura do paradigma que sustentou o contexto medieval. Sabe-se que a expansão marítima, a visão de “novo mundo”, a reforma protestante, a

impressa, o desenvolvimento do comércio e do novo modo de produção insurgentes na Europa, foram fatos que demarcaram significativamente a modernidade, culminando em grandes revoluções científicas, o que provocou a passagem do modelo ptolomaico para o universo copernicano.

Vale ressaltar, à medida em que asseguraram a transição do paradigma científico geocêntrico para o paradigma heliocêntrico, Nicolau Copérnico (1473-1543) evidenciou na sua obra “Sobre as revoluções das esferas celestes”, a representação de novo modelo interpretativo da realidade, revolucionou toda a estrutura paradigmática de seu tempo. Para tanto, Copérnico (2004) posiciona,

A mais distante de todas é a esfera das estrelas fixas, que contém todas as coisas e por isso mesmo é imóvel; em verdade, é a moldura do universo, à qual são referidos o movimento e a posição de todos os outros astros. Embora alguns homens julguem que se move de algum modo, nós apontamos outra razão para que ela pareça fazê-lo em nossa teoria do movimento da Terra. Dos corpos móveis, vem em primeiro lugar Saturno, que completa seu circuito em trinta anos. Depois dele, Júpiter, movendo-se numa revolução de doze anos. A seguir, Marte, que gira bienalmente. Quarto, em ordem, ocorre um ciclo anual em que dissemos estar contida a Terra, com órbita lunar, como epiciclo. Em quinto lugar, Vênus efetua uma volta em nove meses. Enfim, Mercúrio ocupa o sexto lugar, circulando num espaço de noventa dias. No meio de tudo reside o Sol. Quem, na verdade, neste belíssimo templo, colocaria a tocha em qualquer outro lugar, ou em lugar melhor? (...) encontramos, portanto, sob esse arranjo ordenado, uma simetria maravilhosa no universo e uma relação definida de harmonia no movimento e na magnitude dos orbes, de um tipo que não é possível de qualquer outra maneira. (COPÉRNICO, 2004, p.140;141).

Nessa perspectiva, Copérnico demarca o papel da ciência na modernidade e fundamenta um novo olhar sobre o mundo na disposição do sol no centro do seu sistema. Partindo disso, os desenvolvimentos da ciência e do próprio processo histórico culminaram no ideário do Iluminismo. Surge a figura do filósofo prussiano Immanuel Kant como um dos pontos de referência e de resolução da dicotomia epistêmica Racionalismo X Empirismo. Kant fomenta que o homem passa a elaborar novas concepções para a representação do seu mundo circundante, altera o papel do sujeito que compreende o objeto na medida em que se mostra.

Isto de fato foi uma inversão na relação sujeito cognoscente e objeto cognoscível, demarcando a ideia de que o sujeito conhecedor não é aquele que descobre as leis do objeto, antes, porém, é o objeto que, ao ser conhecido, adequa-se às leis do sujeito. Em decorrência, os objetos são regulados pelas leis do sujeito. Esta ideia marcou a revolução copernicana na filosofia de Kant (1987) e na *Crítica da Razão Pura*, reitera:

[...] a razão só discerne o que ela produz segundo o projeto que ela tem de ir à frente com princípios (...) pois do contrário, observações casuais, feitas sem um plano previamente projetado, não se interconectariam numa lei necessária, coisa que a razão procura e necessita. A razão tem que ir à natureza tendo numa das mãos os princípios unicamente segundo os quais fenômenos concordantes entre si podem valer como leis, e na outra o experimento que ela imaginou segundo aqueles princípios, na verdade para ser instruída pela natureza, não, porém na qualidade de aluno que se deixa ditar tudo o que o professor quer, mas na de juiz nomeado que obriga as testemunhas a responder às perguntas que lhes propõe (KANT, 1987, p. 13).

No tocante à Europa do século XVIII, frisa-se que atravessou um movimento de considerável amplitude, ou seja, a Filosofia das Luzes (*aufklärung*) com vários nomes célebres associados, a saber: da França - Montesquieu, Voltaire, D'Alembert e Diderot; da Inglaterra - Newton e Locke; da Alemanha- Wolff e Lessing; da Suíça- Rousseau; da - Prússia, Kant. Ratifica-se que a filosofia das luzes representou o triunfo da razão nos domínios dos saberes científicos, artísticos e técnicos, pelos quais toda a realidade material ou moral seria analisável de forma racional pelo sujeito pensante por meio do exercício da razão.

No que concerne ao texto “O que é o esclarecimento” de autoria de Immanuel Kant, este, visibilizou o contexto e o lema do esclarecimento- “ouse fazer uso da razão”. Esta argumentação estimula a definição de “esclarecimento”, expressa o exercício do sujeito pensante como um desafio ao tentar romper com as estruturas da heteronomia³ para o desenvolvimento

³ Do grego heter, “diferente”, “outro”, e nómos, “lei”, “norma”. No contexto, aceitação das regras dadas externamente.

da liberdade com a autonomia⁴ da razão, como fundamento da dignidade da natureza humana.

Coube a Kant (2008), assim, revelar a face cômoda da heteronomia:

É muito confortável ser um menor. Se eu tenho um livro que pensa por mim, um pastor que age como se fosse minha consciência, um físico que prescreve a minha dieta e assim sucessivamente, não tenho então necessidade de empenhar-me por conta própria. Se eu posso pagar, não tenho necessidade de pensar. Muitos poderão discordar comigo nessa matéria: os próprios guardiães que se encarregam de cuidar para que a esmagadora maioria da humanidade – e, dentro dela, todo o sexo feminino – não alcance a maturidade, não apenas por ser desagradável, mas extremamente perigosa. Tais guardiães tornam estúpido seu gado doméstico e cuidadosamente se previnem para que suas dóceis criaturas não tomem caminho próprio sem seus arreios. Assim, eles mostram para seu gado o perigo que pode ameaçá-los caso pretendam andar por sua própria conta. (KANT, 2008, p.1).

A noção kantiana de liberdade implica num imperativo diferenciado entre os hipotéticos e os categóricos, sendo o último tipo a expressão da lei moral, como primeiro, o esclarecimento como liberdade. A esse respeito, identifica-se que a ideia proposta por Immanuel Kant sedimenta uma compreensão dos imperativos como força de lei, na perspectiva do filósofo ao diferenciar o imperativo hipotético do imperativo categórico, entendido como lei moral universal. Especificamente, o imperativo hipotético, visa a um fim que não a própria ação e se constitui em um meio para outros resultados.

Sedimenta-se que os objetivos variam conforme as subjetividades dos indivíduos, os imperativos hipotéticos não produzem obrigação por não ter a universalidade necessária à lei moral. Enquadra-se nisso, toda proposição ética com finalidades diferentes da própria ação. O imperativo categórico, busca a compreensão das leis universais, que em conformidade com Kant (2002) implica na máxima: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal” (p. 52).

Do princípio prático proposto por Kant (1996), se constitui uma consciência moral vinculada a uma ação e igualmente numa prática exercida

⁴ Do grego auto, “si mesmo”, “eu mesmo”, e nómos, “lei”, “norma”. No contexto, capacidade de decidir por si mesmo.

pela liberdade do sujeito não orientado por nenhum fator externo. Em comparação ao texto da Pedagogia, Kant (1996), problematizou a dimensão da educação e da disciplina no combate a selvageria, que “consiste na independência de qualquer lei. A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis” (p.12;13); “Quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto, quem não tem disciplina ou educação é um selvagem” (p.16). Para ele, por meio da educação se possibilitará ao homem tornar-se o que será. Kant (1996) reforça:

A disciplina transforma a animalidade em humanidade. Um animal é por seu próprio instinto tudo aquilo que pode ser; uma razão exterior a ele tomou por ele antecipadamente todos os cuidados necessários. Mas, o homem tem necessidade de sua própria razão. Não tem instinto, e precisa formar por si mesmo o projeto de sua conduta. Entretanto, porque ele não tem a capacidade imediata de o realizar, mas vem ao mundo em estado bruto, outros devem fazê-lo por ele. A espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais, que pertencem à humanidade. Uma geração educa a outra. Pode-se buscar o começo da humanidade num estado bruto ou num estado perfeito de civilização. Mas, neste último caso, é necessário admitir que o homem tenha caído depois no estado selvagem e no estado de natureza rude. (KANT, 1996, p.11;12).

Com base no fragmento supracitado, percebe-se uma análise sobre o sentido de humanidade proposto por Kant (1996). Disso concretiza a pedagogia kantiana que compreende a dimensão da educação no contexto da infância por meio da conservação, do trato, da disciplina, sendo o homem infante, educando e discípulo. Para Kant (1996),

[...] um princípio de pedagogia, o qual mormente os homens que propõem planos para a arte de educar deveriam ter ante os olhos, é: não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e de sua inteira destinação. (KANT, 1996, p.22).

No processo do esclarecimento, insere-se que corresponde aos pressupostos da disciplina, da cultura e da moralidade, não sendo somente suficiente o treino das crianças, mas das possibilidades de fazê-las pensar e fazer uso da razão, com vistas à emancipação e à liberdade. Desta feita, por

ser Kant um dos representantes do Iluminismo, entende-se como necessário motivar os seres humanos a se emanciparem por meio da educação.

Na ótica rousseuniana, se potencializa a discussão sobre a educação demarcada no contexto iluminista, em que se pressupõe a ideia de autonomia e de liberdade, fundamenta no que consiste em o processo educacional, situa o centro de todo o processo educacional, mostra a relação entre o desenvolvimento da natureza e as aptidões da sensibilidade da criança.

Segundo o pensamento educacional rousseuniano, a pedagogia se fundamenta na observação da criança e se liga a uma teoria geral da natureza humana, pela qual existe uma natureza própria à alma infantil, sendo pertinente distinguir as etapas sucessivas do desenvolvimento natural. Nessa vertente, a educação pelas coisas deve predominar sobre a educação por palavras, conseqüentemente, ser embasada em uso de métodos sensitivos, intuitivos, ativos, vislumbrando o desenvolvimento de uma aprendizagem que deve ser validada na medida em que mobiliza o interesse da criança, promovendo a revolução da educação nas instituições e dos costumes.

3. As contribuições de Jean-Jacques Rousseau a partir de “Emílio ou da educação” para o projeto de educação iluminista

No contexto intelectual iluminista, nos deparamos com a filosofia do pensador suíço Jean-Jacques Rousseau e que problematizou a grande mudança pedagógica em torno da educação de Emílio, a partir do respeito ao desenvolvimento cognitivo da criança por julgar que este ocupa lugar central no processo educativo.

No que concerne à filosofia rousseuniana sob o aspecto da liberdade e do estado natural, se adentrou na dinâmica das discussões do livro “Emílio ou da Educação”.

Dentre os aspectos mais importantes, desvenda-se a definição rousseuniana de que o homem é bom por natureza, mas se submetido à influência de corrupção da sociedade, suscitam questões que atingem a liberdade. Nessa tônica, a criança deve ser educada em total liberdade no

processo de vivência de cada fase de sua vida e integrada ao contexto educacional com instrução política e moral, visando formá-la para a cidadania.

Rousseau ao situar os impedimentos da corrupção do homem, permite o total afastamento do jovem Emílio do contato e das vontades dos outros homens. Para ele, as questões sobre a obediência e as obrigações devem dar lugar somente aos interesses sobre ideias morais. Das relações sociais que permeiam a mente e os desejos de Emílio, desde o início da puberdade, há vontades, sentimentos e impulsos para a sexualidade a serem refreados.

A partir da discussão do Emílio, pode-se dizer que a filosofia é caracterizada pela interação entre o jovem de nome Emílio e seu tutor Jean-Jacques. Desta relação, se faz uma conexão com o sublime e com o humano, no que consiste à ordem moral. Na presente obra, Emílio procura por uma companheira – Sofia – sugerindo o desempenho dos papéis sociais e da educação proposta tanto para Sofia como para Emílio.

Da filosofia de Rousseau, emerge o pensamento da educação numa proposta de ensino diretamente relacionada ao modo de organização e ajustamento social que valorizasse alguns elementos da vida humana.

Dentre os diversos aspectos mais relevantes descritos no primeiro livro de Emílio, Rousseau retoma a questão que chamou de “primeira educação” na compressão do que cabe às mulheres com apego às crianças.

Sobre isso, Rousseau (1999) versa que:

[...] sem isso, tudo iria ainda pior, e nossa espécie não quer ser moldada pela metade. No estado em que agora as coisas estão, um homem abandonado a si mesmo desde o nascimento seria o mais desfigurado de todos. Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que estamos submersos abafariam nele a natureza, e nada poriam em seu lugar. Seria como um arbusto que o acaso faz nascer no meio de um caminho, e que os passantes logo fazem morrer, atingindo-o em todas as partes e dobrando-o em todas as direções (p.7).

Infere-se, da citação de Rousseau, a compreensão de uma educação voltada para o exercício da liberdade como meio de naturalização do homem. Tal liberdade, permeia o desenvolvimento da análise nos capítulos da obra. A

primeira questão é fundamentada na orientação dada pelo autor às mães, no sentido de “proteger o arbusto nascente do choque de opiniões humanas” (ROSSEAU, 1999, p.8), na função de moldar os homens pela educação, de se ter assistência materna ou pela ama de leite.

A questão fundamental no contexto educacional se identifica na primeira etapa das análises, consiste em compreender o ideário da educação rousseauiana, que, “em vez de educar um homem para si mesmo, queremos educá-lo para os outros” (ROUSSEAU, 1999, p.10). O princípio dessa proposta de ensino não é considerado público nem privado, contudo segue a vertente fundamentada na autonomia do sujeito em relação ao seu estado natural, na descoberta de sua sensibilidade para o autoconhecimento, na conservação do sentimento de natureza, ao modo de experimento inicial que a criança faz com o mundo e da relação desta com a mãe, que teve a função de moldar pela educação inicial.

Daí, compreende-se a existência da naturalização da criança configurada na primeira educação e não consiste no ensino de virtudes ou verdades, porém em proteger o coração do vício e a mente do erro. Isto deve levar educandos a serem livres das amarras e das faixas e impulsiona o movimento como elemento de expressão imediata com o mundo.

Acerca disto Rousseau (1999), expressa:

[...] mal a criança saiu do ventre da mãe e mal gozou da liberdade de movimentar-se e esticar seus membros e já lhe dão novos laços. (...) os lugares em que se enfaixam as crianças estão cheios de corcundas, de mancos, de cambaios, de raquíticos, de pessoas deformadas de todo tipo. Temendo que os corpos se deformem com os movimentos livres, apressam-se em deformá-los pondo-os entre prensas. (...) o primeiro sentimento da criança é um sentimento de dor e de sofrimento; só encontram obstáculos em todos os movimentos de que precisam. (ROUSSEAU, 1999, p..16; 17).

Desse fragmento, observa-se na liberdade dos movimentos, que a criança experiência um contato imediato com a concreticidade da interação com o mundo ao seu redor e oportuniza a natureza seguir o seu próprio caminho para as liberdades.

Na segunda parte do livro de Emílio, consta a fase do desenvolvimento da linguagem infantil e de como tomar conhecimento de novas linguagens presentes no contexto da criança. Identificou-se na formação do jovem Emílio alguns elos da educação com a natureza ao proporcionar ao indivíduo o conhecimento de maneira gradativa.

Ao longo da obra, depara-se com a troca das linguagens, ou seja, no primeiro momento- o choro deve ser controlado e este é uma forma de comunicação da criança; no segundo estágio- a criança substitui o choro pela fala. Dessa forma, Rousseau reitera pela linguagem a criança adquire o ser moral que se configura na humanidade. Rousseau afirma ser considerável a criança ser como um ser moral quando ela é capaz de apresentar felicidade e miséria.

Rousseau fomenta ser o ápice o não exercício das liberdades, quando se é criança numa sociedade de governantes infantis e não de homens. Este elemento se tornou importante para se compreender as contradições sociais fruto do egoísmo originado das desigualdades entre os homens e manifestada na propriedade privada. Rousseau, apresenta a necessidade de uma educação longe da sociedade nos primeiros anos de vida da criança, para que a criança possa desenvolver a sua sensibilidade em relação ao universo.

Essencialmente, Rousseau (1999) situou a razão como o último elemento de formação da criança na busca pelo sentido. Refirma, a compreensão dos fenômenos é o último estágio de desenvolvimento da educação a começar pela sensibilidade e as emoções como elemento de interação com o mundo. Assim sendo

[...] raciocinar com as crianças era a grande máxima de Locke. É a mais em moda hoje. Seu sucesso, todavia, não me parece muito capaz de dar-lhe algum crédito. De minha parte, não vejo nada mais tolo do que essas crianças com quem tanto se raciocinou. De todas as faculdades do homem, a razão, que não é, por assim dizer, senão um composto de todas as outras, é a que se desenvolve com mais dificuldade e mais tardiamente, e é ela que se pretende utilizar para se desenvolver as primeiras! A obra-prima de uma boa educação é formar um homem razoável, e pretende-se educar uma criança pela razão! Isso é começar pelo fim, é da obra querer fazer o instrumento., (ROUSSEAU, 1999, p.84).

Nesta etapa, o autor afirma ser impossível uma criança ser educada na sociedade até os doze anos, pois esta etapa deve ser concluída no campo, longe dos vícios de uma cidade, o que melhoraria a formação na linguagem da criança e a relação que ela estabelecerá com os sentimentos dos homens, sentimentos estes que experimentará na sociedade.

De modo especial, no livro III revela um Emílio aos 12 e 13 anos de idade, apto a exercitar os julgamentos que fizera na idade do pré-conhecimento. Esta fase etária credenciou a idade em que a força física é maior que todos os desejos, elenca um elemento forte para compreender a origem da fraqueza do homem e da desigualdade existente entre a força e o desejo. Nesta etapa da vida, a ótica da força tem um aspecto mais relevante de todos os desejos do jovem, sendo o único tempo na vida em que este fenômeno acontece.

No livro III, adentra-se na fase do Emílio pré-adolescente que ganha seu primeiro livro: Robinson Crusoé. Emílio vê na obra de Daniel Defoe os elementos que fazem parte de sua história, se identifica com história e com a necessidade de exercitar as suas forças diante dos problemas existentes. Nessa etapa, identifica que a vida do indivíduo possui mais força relativa, levando em consideração as capacidades do espírito que completam as forças físicas.

Rousseau faz um paralelo da existência humana com a obra de Defoe que apresenta a “ilha do gênero humano” convidado a alçar novos horizontes. Se num determinado momento contempla-se a idade da fragilidade, neste momento, o jovem Emílio é convocado a percorrer o progresso do espírito humano e a desenvolver a mente e o corpo pela prática e não somente pela percepção, na busca por compreender os fenômenos naturais.

Cada explicação sedimenta as ideias do tutor Jean-Jacques sobre a criança e desperta a sensibilidade pela relação de utilidade que o jovem deve conservar de forma harmônica com a natureza, indica a existência do concreto como elemento na formação de Emílio, contempla o jovem aprendiz com uma educação para os sentidos.

Como problema central, emerge uma mente madura e uma vida emocional não muito complexa. Delimita que Emílio tem uma mente

universal, pois mesmo sem compreender as mazelas do mundo e da sociedade, entende os conceitos em sua totalidade pura – aqueles conceitos que fazem parte de seu universo. Rousseau não faz crítica dos vícios e dos erros comuns da vida social. Apenas, fomenta o amor próprio como uma forma benéfica que traz preocupações ao tutor.

No livro IV, Rousseau (1999) aponta os aspectos igualitários no que se refere ao gênero. Afirma ser útil superar a infância e aventurar-se na fase adulta, para que a criança de outrora seja lançada ao mundo dos adultos, saindo do tempo dedicado à natureza para compreender os novos desafios que se originam. Afirma: “o homem em geral não foi feito para permanecer sempre na infância” (ROUSSEAU, 1999, p. 271).

Rousseau (1999,) situa o amor próprio como elemento criador e gerador de todas as outras paixões. Apresenta duas formas de amor no livro IV, são elas: na primeira - o amor próprio nunca está contente “esse sentimento prefere-nos aos outros”; segundo - as paixões nascem do amor que só a nós mesmos consideramos (ROUSSEAU, 1999, p.275).

No contexto da educação, segundo Rousseau (1999) de acordo com a faixa etária de idade, o ensino de forma processual segue um estágio e proporciona ao jovem maior contato com as coisas mesmas, como sendo,

A criança educada conforme a sua idade está sozinha. Só conhece os apegos e o hábito, ama sua Irmã tanto quanto seu relógio e seu amigo tanto quanto seu cão. Não se sente de nenhum sexo, de nenhuma espécie; o homem e a mulher são-lhes igualmente estranhos; não relacionam a si mesma a nada do que eles fazem ou dizem; não o vê nem o ouve, ou não presta nenhuma atenção; suas palavras não lhe interessam mais do que seus exemplos, tudo aquilo não foi feito para ela. (ROUSSEAU, 1999, p.283).

No ideário rousseauiano é de suma importância apresentar ao jovem elementos que fazem parte de seu mundo, assim como para as crianças. Disso, surge como ponto crítico desta problemática com abordagens em criança exposta precocemente ao objeto que deseja experimentá-lo, antes mesmo de desejá-lo. Para tanto, é comum deixar a natureza despertar no jovem o desejo de conhecer coisas novas para que a natureza o ajude a ser um homem.

No livro V, Emílio se apresenta dotado da elevada educação que obtivera durante todos os anos anteriores à sua maturidade. Na sofisticada Paris mostra um rapaz aceito na dinâmica da cidade e perfeitamente capaz de não se deixar corromper pelos vícios da sociedade.

Com efeito, revela-se a sensibilidade de Emílio e o seu caráter aos vinte anos de idade, mesmo assim, o tutor proporciona todos os encontros do jovem Emílio e intervém quando acha necessário. Nesta fase, o tutor faz com que Emilio idealize a esposa perfeita para formar com ele uma perfeita harmonia entre o corpo e a mente, seu nome seria Sofia.

Rousseau (1999) destaca nesta etapa da obra que a educação, tanto de Emílio quanto de Sofia, deveria estar em acordo com o desenvolvimento da sensibilidade natural, em comum acordo com os estágios de desenvolvimento da natureza.

[...] A jovem que tinha um temperamento que acabo de atribuir a Sofia tinha também com ela todas as conformidades que podiam fazer com que merecesse o seu nome, e eu lhe concedo. Depois da conversa que contei, julgando que os partidos não viriam oferecer-se no lugarejo em que moravam, seu pai e sua mãe mandaram-na passar o inverno na cidade, na casa de uma tia a que informaram em segredo sobre o motivo da viagem, pois a altiva Sofia trazia no fundo de seu coração o nobre orgulho de saber vencer a si mesma (ROUSSEAU, 1999, p.563).

Emílio é convidado a conhecer os princípios de filosofia política para atuar como cidadão na esfera pública e ganha de seu tutor uma versão da obra “O Contrato Social”. Nessa oportunidade, Rousseau embarca numa longa viagem pela Europa, ao retornar, Emilio casa-se com a jovem Sofia por estar preparado para o serviço público. Posteriormente, escreve para o seu tutor solicitando ajuda ao se sentir o homem que emerge ao ter um filho com Sofia.

Por outro lado, em linhas gerais a proposta de educação de Emílio permite compreender a criança como sendo seu próprio modelo naturalmente bom, livre e não corrompido no egoísmo reinante na vida social. O mestre representado por Jean-Jacques constitui o polo secundário no processo pedagógico, uma vez que, atenta aos anseios da criança de onde se origina e nasce o saber. Neste ideário, a educação favorece o desenvolvimento do

homem completo e sensível para uma vida social, como homem capaz de compreender a prática da vida do contrato social, renunciar a sua vontade particular em harmonia com a natureza circundante.

Considerações finais

Face o exposto, foi possível compreendemos algumas mudanças históricas da educação e dos seus grandes paradigmas, numa análise historicista, o que constituiu nosso objeto neste artigo.

No que se refere às revoluções kantiana e rousseuniana, repositivamos a relação sujeito e objeto. Relevamos a indagação da questão norteadora desse estudo: O que é educar segundo o do contexto iluminista?

Disso, situamos que a grande revolução rousseuniana na educação demarcou o papel central do estudante na figura da criança ilustrada nas etapas do desenvolvimento de Emílio e com o surgimento de um pensamento crítico sobre a própria filosofia da educação

Em outra acepção, questionamos: “Como se educa?” Supomos ser um problema correspondente a cerne da educação projetada no contexto do Iluminismo. Em resposta, analisamos textualmente que se educa o indivíduo para a humanidade e para os anseios do futuro.

Do pensamento de Rousseau, notamos ser imprescindível promover uma formação em nome dos valores universais na ótica do indivíduo na admiração desinteressada. Acerca disso, encontramos nos cinco Livros Emílio analisados, indicadores da importância em articular os princípios constitutivos de uma filosofia da educação, problematizar a própria filosofia da educação no centro da discussão da definição de escola e sua importância para a humanidade.

No tocante à formação do Emílio isolado de convívio social, percebemos na ideia fundamentada no conceito de humanidade elementos que cabem críticas. Tal isolamento, entendemos que proporciona o desenvolvimento da sensibilidade pela força do distanciamento do convívio com os reais problemas existentes, ou seja, Emílio tornou-se fruto das vontades de seu tutor.

Se por um lado, visualizamos a humanidade como identidade e autonomia do indivíduo, por outro, vislumbramos os impactos causados pela necessidade de uma educação pautada na manipulação de informações. Verificamos a consonância da formação de Emílio nas projeções do seu tutor Jean Jacques Rousseau. Nesta perspectiva manipuladora, identificamos que foram geradas as bases para uma visão tecnicista de educação que se firmou em anos subsequentes.

Da interação social, inferimos ser um elemento constitutivo da cultura e que serve de base para o conhecimento do indivíduo e de suas relações com o mundo. Reiteramos, que formação e a interação social se apresentam como um alicerce para a socialização do indivíduo e fundamento para a construção do conhecimento. Paralelamente, observamos que se educa para a convivência, para partilhar de um mundo, conquanto na educação de Emílio, parece tendenciosa e conduzida num processo de doutrinação.

Afirmamos que educação para a humanidade se coloca como um instrumento de autoconhecimento em todas as etapas nos livros do Emílio, como identificamos: na formação do homem livre do “Contrato Social”, na formação do homem livre abrindo mão de suas vontades individuais em prol de uma vontade geral, no exercício da cidadania.

Consideramos que as finalidades da educação propostas por Kant e Rousseau, influenciaram os rumos da humanidade à época do Iluminismo e os reflexos são sentidos nos dias atuais. Os motivos que levantamos, estariam vinculados a qualquer outra dimensão humana e na dinâmica da autocentralização.

Concordamos ser inegável ser o período Iluminismo de mudanças consistentes do olhar sobre o homem e do mundo, em razão dos fortes influências na educação, no comércio, na economia, na política, na sociedade em geral.

Destas propostas, concluímos ser fundamental se articular a formação do corpo e da mente, bem como desenvolver uma a educação embasada em processos cognitivos e na educação partilhada no exercício da cidadania sem

tirar de foco outras dimensões humanas: são elas: da alteridade, da igualdade, da liberdade e da espiritualidade.

Referências

ANDRÉ, Marli; LUDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

COPÉRNICO, Sobre as revoluções das esferas celestes. *Apud*, CHASSOT, Ático. *A ciência através dos tempos*. São Paulo, SP: Moderna, 2004.

DICIO. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/iluminismo/>. Acesso: 14 set. 2020

GRESSLER, Lori Alice. *Introdução à pesquisa: projetos e relatórios*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1987.

KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos: texto integral*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?* Brasília: Casa das Musas, 2008.

LOPES, Edison Pereira. O conceito de educação em João Amós Comenius. Universidade Presbiteriana Mackenzie. In. PORTELA, Solano. (org). *Fides reformata* – São Paulo: Editora Mackenzie, 2008. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/3-O-conceito-de-educa%C3%A7%C3%A3o-em-Jo%C3%A3o-Am%C3%B3s-Comenius-Edson-Pereira-Lopes.pdf> Acesso: 15 set. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

PRODANOV, Cleber, Cristiano; FREITAS Ernani. Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*, 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

TERUYA, Teresa Kazuko. *et al. As contribuições de John Locke no pensamento educacional contemporâneo*. Disponível em:
http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acerhistedbr/jornada/jornada9/_files/BDxADftT.pdf. Acesso: 15 set. 2020

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 683 p.

Artigo recebido em: 04/05/2021

Artigo aprovado em: 01/12/2021

Artigo publicado em: 30/08/2022